

IMAGINAÇÃO EM PAUL RICOEUR: PERCURSO COM HUSSERL E KANT

IMAGINATION IN PAUL RICOEUR: JOURNEY WITH HUSSERL AND KANT

Vinicius Oliveira Sanfelice¹

Resumo

Na tradição filosófica o conceito de imaginação é considerado em segundo plano, dentro de um paradigma que tem na percepção o ato fundador da realidade. Este trabalho pretende apresentar alguns problemas, encontrados pelo filósofo Paul Ricoeur, que se originam nesse paradigma. Pretende também sugerir que a imaginação possui um papel de interpretar o real, não podendo ser considerada de matiz inferior, pois ela é produtora de sentido. Ricoeur aborda a imaginação como produtora de sentido através do uso metafórico da linguagem. Essa abordagem busca na doutrina do esquematismo de Kant um suporte para a imaginação produtora derivar a imagem da linguagem. Nesse primeiro momento a fenomenologia da imagem é criticada como um recuo diante da mudança que a doutrina kantiana significou para a imaginação, mas com a publicação do tomo XXIII da husserliana, o status da imaginação ganha amplitude fenomenológica. Propomos um breve itinerário desse status e sua relevância nas pesquisas atuais.

Palavras-chave: Imaginação, Ricoeur, Kant, Husserl, Esquema.

Abstract

In the philosophical tradition the concept of imagination is seen in the background, within a paradigm that has in the founding act perception of reality. This paper presents some problems found by the philosopher Paul Ricoeur, that originate in this paradigm. It also seeks to suggest that imagination has a role to interpret the real and can not be considered inferior hue because it is producing sense. Ricoeur addresses the imagination as a producer of meaning through the use of metaphorical language. This approach seeks the doctrine of schematism Kant's support for the productive imagination derive the image of language. In that first moment phenomenology image is criticized as a setback before the change meant that the Kantian doctrine to the imagination, but with the publication of Volume XXIII of Husserl, the status of imagination wins phenomenological amplitude. We propose a brief itinerary of this status and its relevance in current research.

Keywords: Imagination, Ricoeur, Kant, Husserl, Scheme.

Introdução

As discussões sobre a imaginação em Paul Ricoeur sofrem de um paradoxo: aqueles que afirmam que ela é um conceito-chave na filosofia de Ricoeur, que conecta todos os outros temas, ou que é um conceito funcional, reclamam também que a temática não recebeu um tratamento específico por parte de Ricoeur. No entanto, não é verdade que Ricoeur não tratou especificadamente da imaginação, apenas que suas palestras sobre o tema ainda não foram publicadas. Além disso, há pelo menos quatro artigos em que a imaginação é o ponto principal que articula o trabalho, quase sempre como uma função da ficção na re-descrição da realidade, seja através da assimilação

¹Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. E-mail: vi.fast@hotmail.com

predicativa (quando o subtema se podemos dizer assim é a metáfora) ou da síntese de uma narrativa. Mas ainda que usemos a imaginação poética para explicitar as diferenças entre a teoria husserliana e a kantiana – ela é apenas uma das “imaginações” que podem ser encontradas em Ricoeur. Maria Gabriela Azevedo e Castro, por exemplo, enumera seis, a saber: imaginação volitiva, imaginação social, imaginação transcendental, imaginação face a suspeita psicanalítica, imaginação hermenêutica, e por fim, imaginação criadora. Essa enumeração é uma retrospectiva, é também uma maneira de narrar o tratamento dos outros temas a partir da imaginação. As transições que marcam o tratamento específico para cada imaginação, nesse itinerário ricoeuriano, contém um afastamento da teoria husserliana da imaginação em direção à teoria kantiana, através da doutrina esquematismo e do jogo livre das faculdades. A teoria husserliana não é abandonada. Quando o tomo XXIII da husserliana (*Fantasia, Consciência de Imagem e Memória*) é publicado, em 1980, Ricoeur retoma essa ótica husserliana em *A Memória, A História, O Esquecimento*.

Ao decidirmos privilegiar esse afastamento entre uma teoria kantiana consolidada e uma herança husserliana incompleta, optamos por privilegiar a imaginação poética enquanto função ficcional. Optamos, também, por seguir George Taylor quando ele diz que a imaginação está no coração do pensamento de Ricoeur neste momento. Este momento é marcado por uma série de artigos e comunicações sobre a imaginação, onde uma avaliação crítica do status da imaginação é realizada. Nas palestras italianas de 73 e 74 ele faz uma comparação entre Husserl e Kant – nas palestras americanas, de 1975, a reavaliação do papel exercido pela imaginação é articulada através do fenômeno da inovação semântica, e também da predominância da imaginação produtiva kantiana sobre toda a concepção anterior de imaginação e de imagem.

1. A Tradição

O status da imaginação na filosofia ocidental é, em primeiro lugar, regulado pelo da percepção – sempre em detrimento da imaginação. Mesmo com as ressalvas que Ricoeur faz à psicologia da percepção ou à filosofia da linguagem – que para ele advertem contra a existência de uma percepção bruta, não adornada pela imaginação –

até Kant é predominante o papel marginal da imaginação na tradição filosófica. Começando com Platão, que discrimina a imagem mental como inferior aos verdadeiros conceitos que se encontram nas Ideias, passando por Pascal (imaginação é sofisma), Spinoza (imaginação é inadequação, ilusão), Hume (a imagem é um vestígio da percepção)... Todos, incluindo alguns contemporâneos como Ryle, distinguem um original (a realidade) de uma cópia (a imagem), e mais uma vez, sempre em detrimento da imaginação. Ou seja, todos entendem imaginação como imaginação reprodutiva.

Husserl parece ter noção dessa tradição quando coloca adiciona esta nota de alerta ao parágrafo 70 de Ideias²: *“Proposição que, recortada como citação, cairia como uma luva para o escárnio naturalista do modo de conhecimento eidético”*. A ficção, que Husserl diz constituir o elemento vital da fenomenologia, aparentemente também possui má reputação na tradição filosófica. A exceção poderia ser a teoria sartreana, que coloca a imaginação como condição necessária para a liberdade humana. No imaginário do “irreal” o “nada” não é limitado pela realidade empírica atual. Mas a limitação da teoria sartreana é identificar a capacidade humana para o “irreal” com base numa imagem de algo “ausente” – a imagem de nosso amigo Pierre é análoga a um original, ou seja, é uma reprodução do nosso amigo Pierre³. A imaginação, não sendo o irracional e absoluto “nada” de uma visão romântica, pode alterar a realidade ao desdobrar novas dimensões dela. Esse poder de transformação só pode ser efetivado se ele não é introduzido a partir do “nada”; para não ultrapassar, por exemplo, o limite entre criatividade e esquizofrenia, a imaginação produtiva deve conter o suficiente da imaginação reprodutiva. Onde, então, há uma imagem que não seja duplicação de um original – Onde estaremos falando de imaginação produtiva mais que de imaginação reprodutiva? Na utopia, que é ao mesmo tempo um “lugar nenhum” fora da realidade, mas também aponta para uma nova realidade. Na tragédia grega interpretada por Aristóteles, em que a vida humana não é duplicada, no sentido platônico de mimesis, mas através dela algo da realidade nos é revelado. Os exemplos em que a imaginação produtiva adquire certa predominância sobre a imaginação reprodutiva, são uma conquista que na filosofia começa com a incorporação, por parte de Kant, da

² Cf. Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica. p. 154. Tradução: Marcio Suzuki.

³ Cf. SARTRE, Jean Paul. O Imaginário. São Paulo, Ática, 1996.

imaginação no processo de percepção da realidade. Em Ricoeur, a passagem gradual da descrição eidética para a interpretação, dando início ao seu projeto de enxerto hermenêutico na fenomenologia, marca o afastamento da teoria husserliana, a partir da imaginação volitiva. Em 1973, ele chega a afirmar que Husserl e Sartre marcam um recuo em relação à conquista kantiana:

A preocupação com o problema da ausência conduz a privilegiar e retomar o exemplo paradigmático da imagem mental de uma coisa ausente, ou seja, a imaginação reprodutora. Todos os outros casos possíveis de “nada” são reconstruídos sob o modelo do intuitivo-ausente. Podemos perguntar-nos se a fenomenologia entrou em um caminho fecundo tomando por modelo de imagem o irreal, e apreciando sua oposição a um real ele próprio não colocado em questão. (RICOEUR, 2002, p. 44)

Até 1980, antes, portanto, da publicação da Husserliana XXIII, a teoria husserliana da imaginação é composta do tratamento que o tema recebeu nas Investigações Lógicas, e no famoso parágrafo 70 em Ideias⁴. Nas Investigações a imagem será discutida em termos de uma teoria do conhecimento, como crítica à Brentano (os diferentes “modos” segundo os quais os objetos estão dados à consciência). Em Ideias ela é identificada com o poder do irreal ou do quase real. Ricoeur propõe uma distinção entre *figurar* e *imaginar*, para clarificar o aumento do papel da imaginação entre um contexto e outro. Não é um simples aumento, é uma identificação da imaginação com o filosofar – e nisso reside, aliás, grande parte da permanência de Husserl em Ricoeur, principalmente através das “variações imaginativas”:

Mesmo Husserl pode dizer: “a ‘ficção’ é o elemento vital da fenomenologia, como de todas as ciências eidéticas”. Em conclusão, o poder do ‘quase’ parece ser a fonte comum da redução transcendental, ou epoché, e da redução eidética. É mediante o próprio poder da ficção que a crença natural é colocada à distância e que o fato é submetido às variações imaginativas reveladoras do invariante eidético. Em ambos os casos, o imaginário é a “casa vazia”, que permite ao jogo do sentido iniciar. (RICOEUR, 2002, p. 55)

Mas Ricoeur precisou ir além do projeto husserliano, mesmo permanecendo herdeiro da redução transcendental enquanto neutralização da existência. O enxerto hermenêutico é

⁴ “(...) ao lado desses usos aparentemente marginais, e então bem pouco esclarecidos, a descrição sartreana em O Imaginário permanecia até então – e desde os anos 30 - um modelo do gênero”. DEPRAZ, N. Compreender Husserl. Petrópolis: Vozes, 2007.

realizado através da linguagem apresentada como uma potencialidade ontológica que remete à imaginação produtora. Nesse sentido, a imaginação, tal como pensada na investigação ricoeuriana, é a própria epoché. A oposição à Husserl diz respeito à necessidade da compreensão ser mediada pela interpretação, o questionamento de um primado da subjetividade. Essa é a situação na análise que Ricoeur faz de Husserl, antes da publicação da Husserliana.

2. Kant

A contribuição da filosofia kantiana para a filosofia da imaginação de Paul Ricoeur é dupla. Em primeiro lugar, a doutrina do esquematismo forneceu à imaginação um papel na constituição dos fenômenos, ela participa agora da constituição da realidade objetiva, como função mediadora incorporada ao juízo de percepção. Ainda que a síntese figurativa seja regulada pela síntese intelectual, a descoberta dela como método para produzir imagens, como procedimento, tem a capacidade de alterar seu status filosófico. Essa 1ª contribuição é exemplificada pela síntese predicativa das metáforas vivas. Ricoeur pensa o enunciado metafórico como uma atribuição predicativa impertinente, transgressora, por relacionar campos semânticos heterogêneos e logicamente incompatíveis. A imaginação será o mediador entre esses dois termos, distantes em sentido lógico, e a partir dessa função de síntese teremos a inovação semântica: o novo que surge na linguagem. Essas metáforas vivas possuem a forma de uma tensão entre sujeito e predicado, portanto requerem um ajuste em nossa compreensão. Do conflito semântico inicial produzimos, através da imaginação, imagens poéticas que animam nossa experiência interior. Essa ligação entre o esquema kantiano e o esquema que Ricoeur aplica aos enunciados metafóricos precisa ser entendida à luz de uma concepção de linguagem fecunda e plena: ela tem um papel ontológico.

A 2ª contribuição diz respeito ao juízo estético e ao conceito de gênio. Com o juízo de gosto e a terceira crítica, Kant aprofunda a inversão do tratamento da imaginação: a teoria da imaginação toma lugar no âmbito da estética e não tanto de uma

epistemologia, livrando-se das limitações da percepção e do conceito. Para Kant o juízo de gosto é relacionado à liberdade da imaginação:

Somente onde a faculdade da imaginação em sua liberdade desperta o entendimento e este sem conceitos traslada a faculdade da imaginação a um jogo regular, aí a representação comunica-se não como pensamento mas como sentimento interno de um estado de ânimo conforme a fins. Portanto, o gosto é a faculdade de ajuizar a priori a comunicabilidade dos sentimentos que são ligados a uma representação dada (sem mediação de um conceito). (KANT, 2008, p.142).

A ideia que interessa a Ricoeur é a de um jogo gratuito em que imaginação e intelecto fecundam-se mutuamente, a ideia de um esquematismo sem conceito onde a imaginação produz uma ordem (formas através de regras). A descrição do jogo em Kant, embora refira (ainda e sempre) ao problema das entidades heterogêneas que necessitam de um terceiro termo mediador, coloca a imaginação num incessante processo de criatividade que nunca se esteriliza. Liberdade da imaginação em conformidade a regras constitui o enigma da criação. A criatividade pode ser entendida como o espírito em sentido estético. Este espírito é o princípio vivificante no ânimo que caracteriza o gênio. E assim entendida, a criatividade está presente mais no esquema, produto da imaginação, que no conceito. Esta finalização da inversão esboçada na primeira crítica permite que a função da imaginação seja figurar as ideias da razão (que precisam ser objetivadas), e apresentá-las na forma de serem “mais que o conceito”. Ricoeur interpreta assim a afirmação kantiana de que as produções da imaginação levam a pensar além do que o conceito colhe, e a isso poderíamos acrescentar *justo* por esse “ultrapassar” o conceito que se abre a possibilidade da criação.

O gênio é a resposta para a questão de como pode ser produzida a beleza, sendo ela uma ordem sem conceito. Como exemplo daquilo que possui o princípio vivificante da alma, no jogo das faculdades temos experiência da beleza por aquele ânimo presente no gênio e que nos serve de modelo. Kant afirma que a faculdade da imaginação produtora é “mesmo muito poderosa na criação como que de uma outra natureza a partir da matéria que a natureza efetiva lhe dá” (KANT, 2008, p. 159). E assim Ricoeur, que antes concordava com Kant no papel elementar que a imaginação ocupa no plano cognoscitivo (pela doutrina do esquematismo), agora concorda que as ideias estéticas (como a poesia em especial) são um bom exemplo de uso da faculdade da imaginação.

Quando as faculdades de conhecimento estão em harmonia sentimos um prazer singular que, além de comunicável, é inesgotável. O espírito, que é “princípio vivificante” do jogo e busca o “pensar a mais”, para Ricoeur é a “alma” da interpretação. E a interpretação é uma modalidade de discurso que está entre a esfera do metafórico e do especulativo, ou seja, “*de um lado ela quer a claridade do conceito, de outro procura preservar o dinamismo da significação que o conceito detém e fixa*” (RICOEUR, 2000, p.464).

3. Husserliana

Quando a imaginação ligada à poética estava no centro das preocupações de Ricoeur a teoria de Husserl estava incompleta. A imaginação estava, num primeiro momento, ocupando um papel secundário na disputa de uma teoria do conhecimento, em outro momento, estava demasiadamente liberta para fazer frente às críticas que sempre recebeu da tradição filosófica. Para manter a ideia de ficção, mas afastá-la do “irreal”, Ricoeur traçou seu caminho paralelamente a uma teoria da imaginação produtora de matiz kantiana, de que nunca se afastou. Quando a ótica husserliana sobre a imaginação volta remodelada – refundada – pelos escritos póstumos⁵, a imaginação poética já não estava no centro do pensamento de Ricoeur, pelo menos não se entendemos poética num sentido estético. Depois de *Tempo e Narrativa*, poética passa a ser forçosamente entendida como uma poética de si, e as preocupações éticas, a partir de *O Si mesmo como um outro*, tornam-se as mais relevantes até o fim da sua vida. O retorno à ótica husserliana já é marcado pela reflexão sobre o esquecimento, a memória, o perdão, etc. Mas como o texto da Husserliana XXIII poderia responder às críticas e objeções feitas por Ricoeur à teoria da imaginação em Husserl?

O texto básico, aqui no Brasil, para a discussão sobre as mudanças representadas pela publicação da Husserliana XXIII é o artigo do Prof. Alberto Onate (*Consciência imaginativa, fantasia e método em Husserl*). Não é apenas o primeiro artigo brasileiro sobre a reviravolta no método fenomenológico que a publicação do texto póstumo

⁵ A contribuição de Marcella Marino Medeiros Silva para o estudo dessa temática, aqui no Brasil, através da sua tradução do texto 1 da husserliana XXIII, é fundamental e preenche uma lacuna (<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-06112012-104628/pt-br.php>).

representa – ele cobre os principais comentadores do tema da imaginação em Husserl. Começa com as dificuldades enfrentadas por Husserl: a dificuldade na parentização do eu natural do próprio fenomenólogo (resposta: ora atitude natural – interessada e entregue aos fenômenos - ora transcendental – desinteressada e reflexiva diante dos fenômenos); e a dificuldade da autorremissão fenomenológica (investiga as vivências puras, mas depende delas mesmas para instaurar-se metodicamente). É no contexto dessas dificuldades que Husserl dedica-se a esclarecer o papel da imaginação no método fenomenológico. Na verdade é um contexto bastante obscuro. A importância da modificação neutralizadora e o lugar da fantasia/imaginação foi objeto de comentadores dedicados que trabalharam diante de uma teoria incompleta, mas em que souberam intuir a importância. É o caso de Eugen Fink⁶ (*Presentificação e imagem. Contribuições à fenomenologia da inefetividade*) e Maria Manuela Saraiva⁷ (*A imaginação segundo Husserl*). A limitação que recai sobre Fink e Saraiva vale também para Ricoeur: eles desconheciam as muitas páginas que Husserl dedicou ao tema e que viriam à publicação depois de suas análises/críticas. É um trabalho complicado, talvez inesgotável (talvez ficcional), expor as mudanças que representam a publicação desses textos póstumos, ou melhor, que tipo de resposta o texto oferece às essas variadas críticas e análises feitas na sua ignorância.

A Husserliana é composta de 20 textos, que não são coesos – cobrem anotações que vão de 1898 a 1924 - e nem parecem pretender uma conclusão unificadora ou final. No primeiro texto (1898) a fantasia é contraposta a percepção, na medida em que se caracteriza por representar seus objetos por intermédio de uma “imagem”, de maneira semelhante às imagens físicas, como as pinturas e as esculturas, ao passo que a percepção os representa diretamente, sem qualquer intermediação. Fantasia e percepção ainda estão distantes: “*A imagem fantástica exclui qualquer vínculo instaurador com a efetividade, com o campo perceptivo possível. No primeiro caso, o conteúdo sensível presentante diz respeito às sensações; no segundo caso, refere-se aos fantasmas*” (ONATE, 2010, p. 361). É a partir das lições de 1904-05, onde Husserl resgata os

⁶ Distinção entre Fantasia e Consciência Imaginativa/distinção entre Modalidade Neutralizadora de Cumprimento e Modalidade Neutralizadora de Teor.

⁷ Distinção entre Fantasia e Consciência Imaginativa a partir dos conceitos de intenção; intuição; presentificação; e neutralização.

escritos de 1898, que mudanças no tratamento da imaginação/fantasia podem fornecer respostas às críticas de Ricoeur ou oferecer uma alternativa à reviravolta na sua ênfase pelas contribuições kantianas. Nas lições, a fantasia já se constitui como tendo uma intuição direta e originária de seus objetos, tal como a percepção – embora se distinga dela. O percurso de Husserl entre esses textos parece sugerir uma aproximação cada vez maior entre imaginação e percepção.

Conclusão

As imensas dificuldades que Husserl enfrentou o levaram a alertar para a impossibilidade de uma definição clara e definitiva da relação entre fantasia e percepção. Seu trabalho tornou-se provisório, no sentido fidedigno de que a fenomenologia é a filosofia da tarefa descritiva infinita. Se o contexto de obscuridade antes da Husserliana XXIII resultou em uma exegese (aqui ilustrada por Fink e Saraiva) que encontrou dificuldades para expor alguma clareza e unidade, mesmo que provisórias, as exegeses posteriores não vão encontrar facilidades. Antes da Husserliana há uma distância enorme entre o papel da imaginação (ou da ficção) nas Investigações Lógicas e no parágrafo 70 de Ideias, depois há distâncias diversas entre os 20 textos que compõem os escritos póstumos.

No que diz respeito à Ricoeur, a Husserliana responde, até onde podemos ir pelos propósitos gerais desse trabalho, parcialmente às críticas feitas nos anos 1970⁸: a distância entre a imaginação (fantasia) e a percepção (tendo em mente que o paradigma de mudança nessa relação é Kant) vai progressivamente sendo diminuída. Metodologicamente, a Husserliana fornece uma fundamentação ao parágrafo 70, onde Ricoeur reconhece a maior contribuição husserliana: a fantasia promove a saída da atitude natural e fornece um acesso diverso da percepção ao objeto: em alguns momentos ela tem liberdade em relação à percepção, em outros ela tem primazia. Também há passagens, no último texto da Husserliana (Fantasia e Neutralidade), em

⁸ Cf.: “Sem dúvida a imagem introduz um momento de ausência e, neste sentido, de uma primeira neutralização da ‘posição’ inerente à fé perceptiva. Mas a apreensão de um sentido mesmo e único é ainda outra coisa” (RICOEUR, 2000, pág. 462).

que podemos notar ecos da contribuição kantiana à filosofia da imaginação de Ricoeur: Fantasia como “fazer espiritual” desinteressado⁹. A influência kantiana é verossímil e não deve surpreender os leitores de Ricoeur. As críticas de 1973 sobre o recuo da fenomenologia husserliana da imagem (tendo em mente as conquistas kantianas) dão continuidade às afirmações do ensaio comparativo que Ricoeur escreveu em 1954-5¹⁰, sob outro contexto. Ali, usando Husserl como guia para ler Kant (e realizando o percurso inverso) ele afirma a aproximação entre as duas filosofias, e chega a dizer que “*Husserl faz a fenomenologia, mas Kant a limita e a funda*” (RICOEUR, 2009, p. 291). Com os elementos assim expostos, somos forçados a concluir que a afirmação heideggeriana do recuo de Kant (corroborada por Ricoeur) parece valer também para Husserl: hesitaram diante do enigma da imaginação. Mas se Ricoeur optou por reter de Kant suas passagens e indicações que mais contribuíram para desenvolver sua teoria da imaginação - a distinção entre reprodutiva e produtiva; o jogo livre das faculdades (entre imaginação e entendimento) - não poderemos fazer o mesmo com Husserl?

Referências

ARISTÓTELES. *Poética Clássica*. São Paulo: Cultrix, 1990.

CASTRO, Maria Gabriela Azevedo. *Imaginação em Paul Ricoeur*. Lisboa, Instituto Piaget, 2002.

HENRIQUES, F. “O papel de Kant na intertextualidade de Paul Ricoeur: dois exemplos”. In. *Atas do Colóquio Internacional em Homenagem a Kant*: Universidade de Lisboa/Universidade de Évora, 2006.

KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. 5. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2001.

⁹ Cf. SILVA, Marcella Marino Medeiros. “A palavra ‘fantasia’, contudo, só deve designar aquele ‘fazer espiritual’ que não serve à fins da vida prática, a saber, aquele desinteressado, o qual não visa, por exemplo, “encontrar decisões para o mundo consciente”. E ainda “fantasia descrita como “reino da ausência de fins, do jogo””. Introdução, pág. 14.

¹⁰ Cf. *Kant e Husserl*. Primeira publicação em *Kantstudien*, 1954-1955, p. 44-67.

_____. *Crítica da Faculdade do Juízo*. Trad. Valério Rohden e Antônio Marques. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

ONATE, A. M. Consciência imaginativa, fantasia e método em Husserl. *Revista de Filosofia: Aurora* (PUCPR. Impresso), v. 22, p. 347-378, 2010.

RICOEUR, P. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. *Do Texto à Ação*. Ensaios de Hermenêutica II. (trad. de Alcino Cartaxo e Maria José Sarabando). Porto: Rés, 1989.

_____. *Tempo e Narrativa*. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, tomo III, 1994.

_____. *Na Escola da Fenomenologia*. Trad.: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

_____. “O processo metafórico como Cognição, Imaginação e Sentimento”, em SACKS, Sheldon (Org.). *Da Metáfora*. São Paulo: Editora da PUC-SP & Pontes, 1992, p. 145-160.

_____. *Cinque lezioni*. Dal linguaggio all’immagine, a cura di R. MESSORI, Centro Internazionale Studi di Estetica, Palermo, Dicembre, 2002.

TAYLOR, George H., Ricoeur's Philosophy of Imagination. *Journal of French Philosophy*, Vol. 16, p. 93, 2006; U. of Pittsburgh Legal Studies Research.

Recebido em 28/12/2012
Aceito em 30/12/2012